



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Mitos e verdades

Enquanto o mundo explode, folheio o volume 5 da coleção *Histórias de Brasília — Mitos e verdades*, escrito em parceria pelo publicitário João Carlos Amador e pelo poeta Nicolas Behr. Animados pelo espírito bem-humorado da obra, os dois se autoapresentam de maneira divertida nas orelhas do livro. A leitura do livro magro, mas denso de informações, é saborosa. Vamos a alguns aperitivos. As relações entre Renato Russo e o projeto Cabeças, comandado por Néio Lucio, realizado na comercial da 311 Sul, e, em um segundo momento, na Rampa Acústica do Parque

da Cidade, são tensas. Tudo começou com uma ocupação dos gramados por atividades culturais. Em algumas entrevistas, Renato reclamou que nunca foi convidado para cantar no evento.

De qualquer maneira, existe a versão de que Renato Russo tocou no Cabeças. É mito, esclarecem os autores de *Histórias de Brasília*. “Não, Renato Russo nunca tocou nos Concertos Cabeças. Mas os outros dois Renatos da cena musical da época, o Vasconcelos, autor de *Suíte Brasília*, e o Matos, de *Um telefone é muito pouco*, sim. O Russo não tocou no Cabeças, mas tocou nossas cabeças.”

E vamos a uma sobre a Rainha Elisabeth II, que, em 1968, passou por Brasília, acompanhada do príncipe Phillip. É verdade que ela se assustou com as cigarras? Na passagem pela cidade, o casal

conheceu a Catedral Metropolitana, o Palácio da Alvorada e o Congresso Nacional. Mas não visitou apenas os monumentos mais famosos. Esteve, também, no Jardim de Infância da 308 Sul, onde os dois apreciaram um espetáculo infantil.

Segundo os autores do livro, de repente, a rainha ficou incomodada com um intenso e contudente barulho: “Que máquinas são essas? Alguém poderia desligá-las?”, interrogou a rainha: “O som, na verdade, vinha das cigarras que já anunciavam a chuva daquele ano”, esclarecem os autores. Sim, é verdade, a rainha ouviu o som heavy metal das cigarras brasileiras.

E, para fechar, escolhi a história dos fantasmas ou supostos fantasmas que rondam o Teatro Nacional Claudio Santoro, a pirâmide de Niemeyer, com relevos de Athos Bulcão e jardins de Burlle Marx.

Ele está abandonado há muito tempo e se tornou um ambiente propício à visita de seres do outro mundo.

Enquanto as excelências alegam que não existe dinheiro para as urgentes reformas, parlamentares acenam com o Museu da Bíblia e outros projetos absurdos ou simplesmente irrelevantes. E o Teatro Nacional permanece uma promessa que não se cumpre. Mas vamos aos fantasmas do Teatro Nacional.

Reza a lenda que por aquelas paragens os elevadores funcionam sozinhos. E uma bailarina vestida de branco ajeita pelos corredores. Há, também, os que juram ter visto o espectro do maestro Claudio Santoro circulando pelas passagens subterrâneas da pirâmide de Niemeyer. O abandono estimula a imaginação.

Corre a versão de que um piano toca

sozinho durante a madrugada. Certa noite, cinco guardas noturnos se armaram de coragem e resolveram encarar o sobrenatural que ronda aquele espaço. Suspense de matar o Hitchcock.

E o que encontraram? Um gato flana-va, elegantemente, sobre as teclas do piano. “E o fantasma da reforma do teatro?”, indagam os autores. E respondem: “Esse não assusta mais ninguém”. Como se vê, esse é um livro leve, divertido e instrutivo. Brasília vai muito além do que acontece no circuito do poder da Esplanada dos Ministérios.

Não se trata fake news, notícia falsa para induzir a escolhas fraudulentas. O que está em jogo no livro é a trama de fabulação que constitui a alma de uma cidade, mas sempre sob um crivo que dissolve o mito com a mirada crítica do humor.



As PLPs estão espalhadas por todo o Brasil, ora desenvolvidas como ONGs, ora como projetos de extensão

Da sala de aula para a COMUNIDADE

Os projetos de extensão visam fortalecer o compromisso da universidade com a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social. Conheça duas iniciativas da UnB que se destacam por seu impacto

Kayo Magalhães/CB/D.A Press

» LETÍCIA MOUHAMAD

Quando estava no terceiro ano do ensino médio, em 2019, entrar em uma faculdade era algo distante da realidade de Lamôni Patriota, 22 anos. “Eu sabia que ter um curso superior seria importante, mas não via como uma possibilidade para mim. Ninguém da minha família teve essa oportunidade”, disse. A perspectiva mudou quando a equipe do projeto Educação divulgou, na escola do então adolescente, a chance de ingresso em um cursinho pré-vestibular, oferecido por estudantes da Universidade de Brasília (UnB). “A decisão de participar abriu muitas portas e mudou a minha vida”, contou. O projeto Educação é um projeto de extensão criado há oito anos, que oferece aulas gratuitas no campus da UnB, em Planaltina, a estudantes de escolas públicas do Distrito Federal. O programa atende 60 alunos, de segunda a sexta-feira, e contempla as disciplinas de português, matemática, física, biologia, química, história, sociologia, filosofia, história da arte e inglês ou espanhol. “Nossa estimativa é que, desde 2016, 140 alunos foram aprovados em universidades públicas”, destacou o coordenador Vítor Ullmann, 28, formado em ciências naturais e graduando em administração.

Para Lamôni, o fato de ser ensinado por universitários que também haviam passado por escolas públicas o incentivava a continuar estudando. Nas aulas, professores e estudantes trocavam experiências, criavam vínculos e compartilhavam sonhos. “Estudei muito, me senti preparado e, no ano seguinte, fui aprovado no curso de ciências naturais”,

celebrou. Agora, no fim da graduação, é ele quem motiva os alunos do cursinho, dessa vez, na função de supervisor do projeto.

“Tem muita gente sem perspectiva, mas quando os trazemos para cá e mostramos que viemos do mesmo lugar, apresentamos possibilidades. Meu irmão caçula, por exemplo, se sentiu motivado pela minha conquista e quer cursar medicina”, comemorou Lamôni, que pretende partir para o mestrado assim que se formar. “Quero ser professor”.

Direito, gênero e cidadania

O projeto de extensão Promotoras Legais Populares do Distrito Federal e Entorno (PLPs) nasceu em 2005 na Faculdade de Direito, da UnB, funcionando como uma rede de mulheres, que propõe a plena efetivação de seus direitos. Ancora-se em um curso anual, com duração de oito meses, a iniciativa promove a formação das mulheres em noções de direito, gênero e cidadania a partir do método da educação popular, alinhada com as teorias de Paulo Freire e bell hooks.

“O curso não tem apenas o objetivo de dizer as leis para as mulheres, mas, principalmente, de criar um espaço em que elas se sintam coletivamente capazes de construir esses direitos, de pensar o que já está na lei, o que mais é necessário reivindicar, como gostaríamos que esses direitos fossem realizados na prática e como que as políticas públicas deveriam funcionar”, explicou Lívia Gimenes, 41, professora da UnB e coordenadora do projeto PLPs.

Desde a fundação, cerca de 765 mulheres — de perfis econômico, social e cultural diferenciados — se



Os projetos de extensão...

- » Permitem que os estudantes apliquem o que aprendem em sala de aula em situações reais, facilitando a transição do conhecimento teórico para a prática;
- » Atendem às necessidades da comunidade local, fornecendo serviços que muitas vezes são inacessíveis ou escassos;
- » Incentivam a consciência social e a cidadania entre os estudantes;
- » Estabelecem redes de cooperação entre a universidade, empresas, ONGs e outras instituições;
- » Estimulam a inovação e o desenvolvimento de novas tecnologias e soluções;
- » Aumentam a visibilidade e o reconhecimento da universidade na comunidade e no meio acadêmico.

No campus de Planaltina, alunos de escolas públicas têm acesso a cursinho pré-vestibular gratuito

formaram neste curso, que tem parceria com o Núcleo de Gênero do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). “A medida que as mulheres vão se formando, observa-se seu fortalecimento para lidar com desafios diversos, como situações de violência doméstica, por exemplo”, disse Lívia. Além da violência de gênero, temas como direito das crianças, feminismo, exploração sexual infantil e tráfico de pessoas também são abordados nas oficinas.

No fim do curso, são criadas ações de intervenção social, como cartilhas e atos, e espera-se que as mulheres estejam preparadas para difundir e maximizar os seus direitos. Quando formadas, recebem o título simbólico de Promotoras Legais Populares. As oficinas ocorreram em Sobradinho, São Sebastião e Águas Lindas. Em Ceilândia, ponto fixo, os

encontros são aos sábados, no Núcleo de Prática Jurídica da UnB.

Compromisso

Um projeto de extensão é o encontro e a interação da universidade com a comunidade. São atividades acadêmicas, coordenadas por professores ou técnicos-administrativos, que envolvem diferentes áreas do conhecimento e são necessariamente desenvolvidas por estudantes. Visam qualificar a formação do estudante, levando-o a refletir criticamente sobre a realidade e a propor soluções a partir da conversa com outros sujeitos, conforme explicou Olgamir Amancia, decana de extensão da UnB.

Nas universidades federais, 10% da carga horária da graduação precisa obrigatoriamente ser de ações de extensão. “Isso fortalece o compromisso da universidade com a sociedade e contribui para a formar cidadãos cada vez mais comprometidos com os problemas do país”, destacou Olgamir. Em 2020, eram 165 projetos. Em 2023, o número saltou para 887. Neste ano, são 1.044 iniciativas, em oito áreas: comunicação, cultura, direitos humanos, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção & trabalho.

“O cenário da extensão na UnB é altamente promissor. Temos conseguido criar um movimento abrangente que reconcilia a universidade com suas origens de contribuição para o desenvolvimento social, conforme idealizado pelos nossos fundadores, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Em essência, a extensão tem o potencial de alinhar melhor a instituição com as necessidades e os desafios contemporâneos”, resumiu.



Tem muita gente sem perspectiva, mas quando os trazemos para cá e mostramos que viemos do mesmo lugar, apresentamos possibilidades. Meu irmão caçula, por exemplo, se sentiu motivado pela minha conquista e quer cursar medicina”

Lamôni Patriota, 22 anos



Isso (ações de extensão) fortalece o compromisso da universidade com a sociedade e contribui para a formar cidadãos cada vez mais comprometidos com os problemas do país”

Olgamir Amancia, decana de extensão da UnB